



VEIGA, Suzane Moraes da. Nos bastidores da crítica: estudo sobre o pensamento teatral nas crônicas de Artur Azevedo e Coelho Neto. Rio de Janeiro: UNIRIO. UNIRIO; Mestrado em Artes Cênicas; orientadora Angela de Castro Reis. Bolsista CAPES; mestrado. Professora, atriz e escritora.

RESUMO

A crônica, enquanto gênero textual produzido especificamente para o jornal, nasce no amadurecimento da imprensa como veículo de informação e entretenimento, migrando para o Brasil com o aprimoramento dos periódicos em território nacional e apresentando grande repercussão e interesse por parte dos leitores, principalmente ao longo do século XIX. Porém, o que muitos desconhecem é o fato da crônica ter se dado de forma muito peculiar no Brasil apresentando uma fórmula irresistível de conteúdo informativo aliado à inventividade irreverente de nossos cronistas oitocentistas, com destaque para Artur Azevedo e Coelho Neto cujas crônicas críticas são o objeto de análise do presente trabalho. Assim, observar-se-á nesta pesquisa a maneira como esses autores articularam o pensamento teatral da época em algumas de suas crônicas diárias, através de minuciosa análise dos temas principais e a importância destes para a construção de um ideário crítico. Logo, ao se analisar as “crônicas-críticas” desses autores do passado será possível entender um pouco mais acerca do pensamento teatral do século XIX, bem como fazer uma nova leitura da escrita histórica da crítica teatral no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica: Crítica teatral: Artur Azevedo: Coelho Neto.

ABSTRACT

The chronicle, as a textual genre made specifically for the newspaper, born in the mature fase of the press as a vehicle of information and entertainment, coming to Brazil with the improvement of periodicals in national territory and presenting wide repercussion and interest by the readers, mainly during the nineteenth century. However, what people may not know is the fact that the chronicle was developed in a very peculiar way in Brazil presenting an irresistible formula of informative content along with the cleverness of our nineteenth chronicle writers, with emphasis upon Artur Azevedo and Coelho Neto whose critical chronicles are the object of analysis of this paper. This way it will be observed in this research the way these writers articulated the theatrical thought of their time within some of their daily chronicals, through an analysis of the main themes and their importance for the construction of ideas. Thus, when analysing the “chronical-criticism” of these authors of the past it will be possible to understand a little more about the theatrical thought of the nineteenth century, as well as to do a new reading of the historical writing of theatre criticism in Brazil.

KEY-WORDS: Chronical: Theatrical criticism: Artur Azevedo: Coelho Neto.

Impressão pessoal do mundo, rubrica de si e do outro. Olhar atento, dinâmico e histórico sobre as mais diferentes realizações, sobre os mais variados acontecimentos pequenos e grandes, enfim fragmentos de retratos de nós mesmos, das nossas coisas. Tentativa poética de tornar eterna a sensação momentânea? A crônica, ou folhetim, – como também era denominada à época de sua difusão – nasce no amadurecimento da imprensa como veículo de informação e entretenimento, migrando para o Brasil juntamente com as primeiras manifestações de jornais e periódicos em território nacional.

Ao longo do século XIX, período em que veio a se consolidar como gênero textual

privilegiado nas gazetas diárias cariocas, despertou grande interesse por parte do público repercutindo como local singular de discussão e “opinião” sobre diversos temas em voga na sociedade da época. Porém o que muitos desconhecem é o fato da crônica ter se desenvolvido de forma muito peculiar nas terras tupiniquins ao exprimir uma fórmula irresistível de conteúdo informativo aliado à inventividade crítica, contemplativa, e por vezes bem-humorada, de nossos cronistas oitocentistas. Esses fatores acabaram por conferir à crônica nacional traços únicos, sendo considerada por vários críticos posteriores um “fenômeno literário brasileiro”: “No momento em que a imprensa brasileira se afirmou, os folhetins da França nela se aclimataram, floresceram e encontraram uma feição de tal maneira própria, que fez muitos críticos afirmarem que a crônica é um fenômeno literário brasileiro” (BENDER e LAURITO, 1999, p. 12).

Vinda do radical *chronikós*, a crônica é usualmente vinculada à sua acepção original de tempo: “o vocábulo 'crônica' designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica (...) limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los” (MOISÉS, 2003, p. 101). Podemos apontar o vestígio diacrônico do termo crônica, em sua evolução na língua portuguesa, remetendo-nos à data de 1434 quando o então rei D. Duarte nomeou o arquivista Fernão Lopes como “cronista-mor do Reino”, incumbindo-o de registrar de forma “profissional”, ou seja oficialmente, os feitos dos antigos reis de Portugal em textos denominados *caronyca*, ou crônica: “A data de 1434 é um marco não só para a História como para a Literatura Portuguesa. E também para o gênero crônica: o cronista – que já vinha desde a Idade Média - passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica” (BENDER E LAURITO, 1993, p. 12).

Além disso, é com uma crônica que se inicia a história oficial do Brasil: “A carta de Pero Vaz de Caminha a El-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento” (SÁ, 1985, p. 07). Assim posto não é à toa Jorge de Sá afirmar que “a história de nossa literatura se inicia, pois, com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica” (*Idem*). Híbrido, o vocábulo crônica ganha a sua acepção moderna somente no século XIX quando, com o intenso desenvolvimento da imprensa, a palavra passou a designar um espaço específico nos periódicos para se fazer uma “narração histórica” dos eventos diários (TUZINO, 2010, p. 03). Porém, diferentemente de como ocorreu em outros países, no Brasil a crônica cobriu-se de sentido essencialmente literário, opinativo e com caráter de crítica, fenômeno que, segundo José Marques de Melo (1985), distingue o Jornalismo nacional atual do estrangeiro, como um texto que contém “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (p.111).

Assim, conforme nos aponta Érica Neiva, o folhetim foi inicialmente uma seção qualquer do jornal que abordava tudo o que não era considerado matéria jornalística “séria”, ou de caráter informativo. Neste sentido, o folhetim abarcava tudo o que necessariamente não se encaixava dentro do rol dos fatos de notoriedade política, econômica ou social, portanto “qualquer texto que (...) naquela época, não preenchesse as exigências jornalísticas era publicado no espaço folhetinesco. Por isso, o conto, a crônica, a novela e o romance eram considerados folhetins, uma vez que ocuparam o rodapé dos jornais.” (NEIVA, 2008, p. 11). Com o tempo veio a fixar-se no rodapé dos jornais quando começa a ganhar os moldes das crônicas de Machado de Assis e de outros escritores de renome do fim do século XIX: “É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que

aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas)” (MELO, 1985, p.113-114).

Mais tarde, em fins do século XIX, seguindo o ímpeto desses primeiros cronistas, os autores dos folhetins teatrais dos jornais acabaram por optar cada vez mais por um gênero de texto e de crítica que viria a se consolidar numa forma mais ou menos definida, um misto de criatividade literária aliada à observação atenta do jornalista a serviço da análise crítica. Como nos aponta Flora Sussekind (2003, p. 62) um “gênero híbrido, mistos de crítica e de crônica”: um texto que sugeria “um clima de intimidade ao leitor” semelhante ao da crônica sem, no entanto, abandonar “os juízos, avaliações e a imagem de imparcialidade”, inerentes à crítica.

Nesse contexto se instaura o debate do chamado período da “decadência do teatro nacional”, pretensamente relacionado à disseminação do teatro ligeiro, considerado popularesco e de qualidade questionável mas defendido pelo autor Artur Azevedo. Fernando Mencarelli declara, contudo, ser esta decadência um produto da visão parcial de uma elite: “Fala-se em grande decadência (...) quando muitas salas estão cheias, sejam as de teatro ligeiro, sejam as de teatro estrangeiro” (MENCARELLI, 1999, p. 67). A crítica teatral reage na tentativa de “regenerar o teatro brasileiro”, tendo como representante de destaque Coelho Neto. Uma discussão pública por meio de crônicas é protagonizada pelos autores e as opiniões do círculo de cronistas da época se dividem. Aluísio Azevedo, admirador do teatro popular da época e irmão de Artur Azevedo, respondeu às críticas ao teatro “ligeiro” da época afirmando que esse tipo de peças são “dramas de enredo” e não “dramas de reflexão, de pensamento” e que por isso requereriam do público menos atenção (FARIA, 2001, p. 581). Artur Azevedo assim comentava o teatro de fins do século XIX:

Se o fluminense prefere assistir à representação de uma mágica, de uma opereta ou de uma revista de ano a ir ouvir um drama ou uma comédia, é porque naqueles gêneros inferiores o desempenho dos respectivos papéis satisfaz plenamente, ao passo que no drama ou na comédia os nossos artistas não dão, em regra, a menor ideia dos personagens nem dos sentimentos que interpretam (SUSSEKIND, 2003, p. 68).

Como nos aponta Danielle Carvalho (2009), Coelho Neto condenava o teatro que fazia “a delícia do público” e que era preferido pelos empresários, pois, segundo o autor, neles imperava a imoralidade e sensualidade, percebida nos números de danças apresentadas pelos coros de bailarinas durante os espetáculos e que falavam somente aos sentidos, e não à razão. Assim, para o autor, o teatro naquele momento, em grande parte dependia somente de uma orquestração de figurinos e cenários que chamassem a atenção do espectador, em detrimento da própria dramaturgia que, a seu ver, era precária: “Em sua opinião, eles [os cenógrafos e figurinistas] eram as figuras das quais dependia o sucesso das peças que eram postas em cena naquele momento (CARVALHO, 2009, p. 20).

Coelho Neto chega mesmo a escrever um folhetim na *Gazeta de Notícias* em 1898, à época do lançamento da peça *O Jagunço* de Artur Azevedo, no qual se dedica a depreciar a participação do autor no empreendimento da escrita das revistas de ano. Crônica que é prontamente respondida por Artur Azevedo em seu folhetim *Carta a Coelho Neto*, em que se defende dos ataques de Neto, afirmando que os escritores dependem do público, citando um de seus defensores Urbano Duarte: “Não recebendo um real de subvenção dos cofres públicos, os empresários tornam-se escravos do gosto das plateias, sob pena de fecharem as portas.” (FARIA, 2001, p. 330). E acrescenta que essa posição por parte da crítica era por ele esperada, mas que se surpreendeu ao saber que se tratava de Coelho Neto o seu “algoz”:

Começas por esta forma: “Foi à cena *O Jagunço*, revista dos acontecimentos do ano 1897, original de Artur Azevedo. É, como todas as revistas, um pretexto para chirinola e cenografias”. Não é tal – e tu, que assim falas de um trabalho que não conheces, não terias, talvez, a mesma opinião, se assistisses a uma representação do *Jagunço*. A par de cenas de revista, encontram-se ali cenas também de comédia, um pouco de observação e sátira de costumes, alguma preocupação literária e, em todo caso, um esforço louvável para que os espectadores educados não saiam do teatro arrependidos de lá ter ido. És injusto quando comparas *O Jagunço* a todas as revistas, e com um simples adjetivo me colocas na mesma fila que o bacharel Vicente Reis e outros inconscientes. (FARIA, 2001, p. 599-600)

E termina por ironizar o final da crônica de Coelho Neto em que este pede-lhe *un bon mouvement*: “Queira Artur Azevedo pôr a serviço da Arte a sua pena e o seu prestígio e o teatro em pouco será uma realidade entre nós; mas, se continuar com as concessões... *Un bon mouvement*, meu caro Artur! E mais coerência.” (*Idem*, p. 604) Uma atitude que para Coelho Neto deveria ser esperada de uma figura tão influente e querida por todos como Artur Azevedo: “Também eu peço-te *un bon mouvement*: faze-te empresário. Faze-te empresário, e eu serei mais coerente, escrevendo comédias literárias, para o teu teatro. Mas vê lá: se ficares a pão e laranja, não te queixes de mim, mas de ti... Não te metesses a redentor!” (*Idem*)

Como podemos analisar o embate entre os autores da época se fundamentava essencialmente na preocupação em se produzir uma literatura “séria” nacional, baseada muitas vezes em moldes estrangeiros e alheios às necessidades de nossa literatura teatral – e ao “gosto” do público – acusada por muitos críticos do período como deficiente. Há que se refletir, assim, como o fez Sábado Magaldi (2001) se acaso realmente faltava àqueles autores do fim do século XIX talento suficiente para a dramaturgia, ou se as próprias condições econômicas, mercadológicas, técnicas ou mesmo culturais não permitiram tal “progresso”. Para essa questão responde o próprio autor: “A ideia do 'teatro sério' vive a ofuscar a simpatia e a compreensão pelas obras ligeiras, como se elas, na transparência das intenções, não pudessem guardar outras e importantes virtudes” (MAGALDI, 2001, p. 157).

Referências Bibliográficas

BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica – história, teoria e prática*. São Paulo: Ed. Scipione. Col. Margens do texto, 1993;

CARVALHO, Danielle Crepaldi. “Arte” em tempos de “chirinola”: a proposta de renovação teatral de Coelho Netto (1897-1898). Dissertação de mestrado, Unicamp/ Fapesp, 2009;

FARIA, João Roberto. *Ideias Teatrais: O século XIX no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001;

MAGALDI, Sábado. *Panorama do teatro brasileiro*. 5º edição. São Paulo: Global, 2001;

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1985;

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2003;

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. *A crônica no jornal impresso brasileiro*, 2008; Disponível em www.unirevista.unisinos.com.br Acesso em 30 de Outubro de 2012;

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ed. Ática. Col. Princípios, 1985;

SUSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003;

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. *Crônica: uma intersecção entre o jornalismo e a literatura*. In: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2010.